

DAVID LAPOUJADE
**AS EXISTÊNCIAS
MÍNIMAS**

AS EXISTÊNCIAS MÍNIMAS

DAVID LAPOUJADE

David Lapoujade © 2017 – *Les Editions de Minuit*

n-1 edições © 2017

ISBN 978-85-66943-46-7

Embora adote a maioria dos usos editoriais do âmbito brasileiro, a n-1 edições não segue necessariamente as convenções das instituições normativas, pois considera a edição um trabalho de criação que deve interagir com a pluralidade de linguagens e a especificidade de cada obra publicada.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Peter Pál Pelbart

e Ricardo Muniz Fernandes

TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS Hortencia Santos Lencastre

REVISÃO DO PORTUGUÊS E PREPARAÇÃO Fernanda Mello

PROJETO GRÁFICO Érico Peretta

A reprodução parcial deste livro sem fins lucrativos, para uso privado ou coletivo, em qualquer meio impresso ou eletrônico, está autorizada, desde que citada a fonte. Se for necessária a reprodução na íntegra, solicita-se entrar em contato com os editores.

1ª edição | Impresso em São Paulo | Outubro, 2017

n-1edicoes.org



Este livro contou com o apoio dos Programas de auxílio à publicação do Instituto francês | *Cet ouvrage a bénéficié du soutien des Programmes d'aide à la publication de l'Institut français.*

DAVID LAPOUJADE
**AS EXISTÊNCIAS
MÍNIMAS**

tradução HORTENCIA SANTOS LENCASTRE

M-1
edições

- 09 **UMA MÔNADA DESMEDIDA?**
21 de fevereiro de 1930. Existência e realidade – A filosofia da arte de Étienne Souriau. As maneiras de ser e os gestos do Ser. – Personagens jurídicos: a testemunha e o advogado. A pergunta: qual é o direito de existir?
- 27 **MODOS DE EXISTÊNCIA**
Pluralismo existencial e atomismo ontológico. – Os fenômenos. – As coisas. – Os imaginários. – Os virtuais. O desejo de criação.
- 43 **COMO VER**
“Eu não vi...”. Cegueira da percepção.
– Como ver e fazer ver? Entrada em uma perspectiva. O que é uma redução?
– Os dois tipos de redução: racionalista e empírica. Personagens: os desconfiados e os inocentes. – O caso de Robinson.
– A redução perspectivista.

61 **DISTENTIO ANIMI**

A realidade inacabada. O que é um acontecimento? O instante prerrogativo. A criação das almas. – O processo anafórico. Possuir e experimentar. – Criação e problematização.

81 **DA INSTAURAÇÃO**

O que é instaurar? Formalizar e consolidar. – A instauração filosófica e suas cinco leis. – Instaurar não é fundar. O “gesto”. – Existência e direito. Ser testemunha. Como fazer existir? – Hofmannsthal e o pintor desconhecido.

103 **OS DESPOSSUÍDOS**

O direito de existir como problema. O celibatário kafkiano e seu processo. – Beckett e a pretensão de chegar ao fim. Alcançar o limite. – Limite abstrato e limite concreto. O negro, o branco, o silêncio. – O exemplo de Agnes Martin. Anáfora e catástrofe. Desfazer as imagens: Oscar Muñoz.

ABREVIACÕES

Livros citados de Étienne Souriau, em francês:

- AA: *Avoir une âme – essai sur les existences virtuelles*, Belles-Lettres/Annales de l’université de Lyon, 1939.
- DME : *Les Différents modes d’existence*, PUF, 1943; reedição 2009, col. “Métaphysiques”.
- IP: *L’Instauration philosophique*, PUF, 1939.
- OD: *L’Ombre de Dieu*. PUF, 1955.



UMA MÔNADA DESMEDIDA?

Estamos em 21 de fevereiro de 1930. Chapéu na cabeça, óculos finos sobre o nariz, como faz todos os dias, Fernando Pessoa, o homem de múltiplos heterônimos, passeia pelas ruas de Lisboa. Como todos os dias, é tomado pelo cansaço e pela lassidão. Ele se sente isolado do mundo exterior e constata o vazio da própria existência. De um ponto de vista geral, estima que há um “erro metafísico” em sua pessoa.¹ Diríamos que se via como uma mônada desmedida. Sabe-se que, no sistema leibniziano, as mônadas não têm porta nem janela; se não há qualquer abertura para o mundo exterior, é porque esse mundo está incluído nelas sob a forma de percepções variadas e ordenadas. Assim, o problema de Pessoa é que ele tem percepções, mas não consegue experimentar a realidade do mundo exterior mais do que a realidade da própria existência. Não é mais a realidade que é exterior, mas ele é que é exterior a qualquer realidade. É como uma mônada, mas uma mônada sem mundo, fechada atrás de portas e janelas. “Entre mim e a vida há um vidro tênue. Por mais nitidamente que eu veja e compreenda a vida, eu não lhe posso tocar.”² Podemos dizer que, embora esteja privado da possibilidade de existir, tem que suportar o peso da existência. Se existe aí

1 F. Pessoa, *Livro do desassossego*, Cia. das Letras, 1999, p. 128: “Viver parece-me um erro metafísico da matéria”.

2 *Ibid.*, p. 110.

um “erro metafísico”, é porque o mundo criado por Deus não deu lugar a essa mônada flutuante, sonhadora, inativa, sem conexão com o mundo real.

Mas em vez de continuar sua caminhada, eis que para no meio de uma ponte.

De repente, como se um destino médico me houvesse operado de uma cegueira antiga com grandes resultados súbitos, ergo a cabeça, da minha vida anônima, para o conhecimento claro de como existo. (...). É tão difícil descrever o que se sente quando se sente que realmente se existe, e que a alma é uma entidade real, que não sei quais são as palavras humanas com que possa defini-lo. (...). Fui outro durante muito tempo – desde a nascença e a consciência –, e acordo agora no meio da ponte, debruçado sobre o rio, e sabendo que existo mais firmemente do que fui até aqui. Mas a cidade é-me incógnita, as ruas novas, e o mal sem cura. Espero, pois, debruçado sobre a ponte, que me passe a verdade, e eu me restabeleça nulo e fictício, inteligente e natural. Foi um momento, e já passou.³

O que aconteceu? De repente, a mônada Pessoa foi submersa pelo sentimento de existir realmente, como se tivesse sido outra vez incluída no mundo, embarcada nele. “Saber de si, de repente, como neste momento lustral, é ter subitamente a noção da mônada íntima, da palavra mágica da alma.” Rapidamente, entretanto, ele retorna às antigas certezas. Sabe que não existe, que nunca existiu e que nunca mais existirá com tanta firmeza quanto naquele exato momento.

³ Ibid., p. 73-74.

Novamente, a existência lhe parece insignificante, irreal. O pensamento não garante ao pensador a sua existência, como para Descartes, em vez disso confirma que ele não existe, que não pode existir. “Estranho quanto fui e que vejo que afinal não sou.”⁴ Aqui, vemos com clareza aquilo que se pode objetar aos que afirmam não existir: que eles existem de qualquer maneira porque estão ali fazendo a pergunta, que se confundem com falsos problemas. Buscam uma entrada na existência, quando já estão totalmente nela. É o aparente absurdo do problema: como duvidar da realidade da existência quando estamos aqui, presentes neste mundo, como duvidar disso? É que confundimos duas noções: a existência e a realidade. Sob determinado aspecto, o homem existe de fato, ocupa dado espaço-tempo, está presente em meio às coisas, cruza com os passantes na ponte, colhe impressões, tem o espírito atravessado por pensamentos. Entretanto, nada disso é completamente real. Os seres, as coisas existem, mas lhes falta realidade. O que quer dizer: “lhes falta” realidade? O que pode faltar a uma existência para ser mais real?

Porém, não há existências que se tornam “mais” reais, no sentido em que ganham força, extensão, consistência: um amor que se intensifica, uma dor que aumenta, um temporal que ameaça cair? Ou então um projeto que se realiza, a construção de um edifício, um roteiro levado às telas, a execução de uma partitura? São diversas maneiras de ganhar realidade, de adquirir maior presença, uma luz mais intensa. Essas duas séries de exemplos não se situam no mesmo plano, mas mostram processos similares. Na primeira série, estamos lidando

4 Ibid., p. 73. Cf. a observação de Souriau em “La conscience”, *Quaderni della Biblioteca filosofica di Torino*, vol. 17, 4, 1996, p. 574: “Que homem simplesmente ousará afirmar que pensa de uma tal maneira e que por isso possui uma indubitável existência? Esse foi o erro de Descartes”.

com seres que intensificam a realidade da sua existência permanecendo num mesmo plano; na outra, lidamos com seres obrigados a mudar de plano de existência para aumentar sua realidade. Primeiramente possíveis ou virtuais, eles modificam sua maneira de ser para se tornarem mais reais. Em todos os casos, o problema geral é o mesmo: como tornar mais real aquilo que existe?

O filósofo Étienne Souriau sempre fez essa pergunta, tanto no campo das artes quanto no da filosofia ou das existências individuais. Quem é Étienne Souriau (1892-1979)? Embora esteja sendo redescoberto hoje, sob outros aspectos, a lembrança de seu nome permaneceu principalmente associada à filosofia da arte. Alguns sabem que ele dirigiu o volumoso *Vocabulaire d'esthétique*, foi professor de estética na Sorbonne e durante muito tempo dirigiu a *Revue d'esthétique*; poucos sabem que ele escreveu obras de pura filosofia, como *Avoir une âme, essai sur les réalités virtuelles* (1938), *L'instauration philosophique* (1939), *Les Différents modes de existence* (1943) ou, ainda, *L'ombre de Dieu* (1955).⁵ Isso quer dizer que Souriau se desinteressou por essas questões e, depois, voltou à estética propriamente dita? Que essas pesquisas pouco a pouco deixaram de ser importantes para ele por não terem encontrado eco suficiente? Pelo contrário, os textos dedicados às almas, à ontologia, à definição da filosofia, a Deus ou às realidades virtuais também devem ser considerados *como partes de uma filosofia da arte*. Todo o pensamento de Souriau é uma filosofia da arte, e não quer ser outra coisa.

Uma das profundas originalidades do seu pensamento é que a estética deixa de representar um papel secundário ou

⁵ Para uma bibliografia mais completa das obras de E. Souriau, cf. *Dictionnaire des philosophes*, D. Huisman (dir.), PUF, reedição, 1993.

acessório, não é mais um departamento ou uma região da filosofia, como dizemos da estética de Hegel ou de Schelling, é toda a filosofia que é suscetível de uma estética superior, dimensão que, em *L'Instauration philosophique*, se identifica com uma “filosofia da filosofia”. Antes de falar de filosofia da arte, é preciso falar de uma arte da filosofia, o que nada tem de retórico: é preciso supor uma arte por meio da qual cada filosofia se coloque ou se instaure ela própria, antes de se exercer em determinado campo.⁶ Do mesmo modo, antes de qualquer ontologia da arte, há uma arte da ontologia, pois não existe Ser sem maneira de ser. Só podemos chegar ao Ser por meio das maneiras que ele se manifesta. É o tema da obra *Les Différents modes d'existence*. A arte do Ser é a variedade infinita das suas maneiras de ser ou dos modos de existência.⁷ Sejam os textos dedicados às almas, às existências, às filosofias ou a Deus, o objetivo permanece essencialmente o mesmo. A obra de Souriau é de uma grande coerência sob esse aspecto. Psicologia, epistemologia, ontologia, filosofia são os recursos de uma profunda filosofia da arte.

6 Em IP, 147-148, Souriau define a filosofia como “uma arte pura do pensamento” e busca “aquilo que nas obras filosóficas desses últimos trinta anos se aproxima, digamos, de Debussy ou de Ravel, de Monet e Manet ou de Derain, Vlaminck e H. Matisse, de Horta e Otto Wagner ou de Bruno Taut e Le Corbusier, e por aí fora”. Ver também o artigo “Art et philosophie”, *Revue philosophique de la France et de l'Étranger*, t. 144 (1954), p. 1-2, onde Souriau invoca uma estética explícita, “compartimento” de uma filosofia, e uma estética implícita que anima em profundidade a arquitetura da obra filosófica. “Não esqueçamos que a arte é uma verdadeira experiência ontológica: uma exploração de caminhos que levam um cosmos do nada à realização por patuidade” (p. 15).

7 DME, 125: “A existência são todas as existências; é cada modo de existir. Em todos, em cada um individualmente, a existência reside integralmente e se realiza”. Essa frase faz eco à outra, DME, 111: “Pois a arte são todas as artes. E a existência é cada um dos modos de existência. Cada modo é por si só uma arte de existir”.

Como explicar essa guinada? Para compreendê-la, é necessário partir do “pluralismo existencial” do qual parte Souriau. A primeira afirmação desse pluralismo é justamente que não há um único modo de existência para todos os seres que povoam o mundo, como também não existe um único mundo para todos esses seres; não esgotamos a extensão do mundo percorrendo “tudo aquilo que existe, segundo um desses modos, por exemplo, o da existência física ou o da existência psíquica” (DME, 82). Souriau abre e explora o leque da variedade dos modos de existência compreendido entre o ser e o nada. O modo de existência de Hamlet não é o mesmo de uma raiz quadrada, o modo de existência do elétron não é o mesmo de uma mesa etc. Todos existem, mas cada um ao seu modo. Reciprocamente, um ser não está predestinado a um único modo de existência, ele pode existir segundo vários modos, e não apenas como entidade física ou psíquica; pode existir como entidade espiritual, como valor, como representação etc. É a famosa parábola das duas expedições de Eddington, ao mesmo tempo presença sólida e nuvem de elétrons. Ou, ainda, Hamlet, que existe como personagem em Shakespeare, como presença no palco, como referência em um discurso, como herói de filme etc. Um ser pode ver sua existência se duplicar, se triplicar, enfim, pode existir em vários planos distintos permanecendo numericamente um.

Podemos objetar que a distinção é verbal, posto que, justamente, esse ser é numericamente um. Mas ser numericamente um, possuir unidade e permanência como uma coisa, é exatamente um modo de existência entre outros. Um ser pode participar de vários *planos de existência* como se pertencesse a vários mundos. Um indivíduo existe neste mundo; ele existe como corpo, existe como “psiquismo”, mas também existe como reflexo em um espelho, como tema, ideia ou lembrança

no espírito de outro, tantas maneiras de existir em outros planos. Nesse sentido, os seres são realidades plurimodais, multimodais; e aquilo que chamamos de mundo é, de fato, o lugar de vários “intermundos”, de um emaranhado de planos.

Portanto, devemos considerar cada um desses modos como uma arte de existir. Esse é o interesse de um pensamento do modo como tal. O modo não é uma existência, mas a maneira de fazer existir um ser em determinado plano. É um *gesto*. Cada existência provém de um gesto que o instaura, de um “arabesco” que determina que será tal coisa. Esse gesto não emana de um criador qualquer, é imanente à própria existência. Desse ponto de vista, modo e maneira não designam de jeito algum a mesma coisa. Forçando a distinção, poderemos dizer que o modo (de *modus*) pensa a existência a partir dos limites ou da medida dos seres (como mostra o derivado moderação), enquanto que a maneira (de *manus*) pensa a existência a partir do gesto, da forma tomada pelos seres quando aparecem. O modo limita uma potência de existir, enquanto que a maneira revela a forma do existir, a linha, a curvatura singular, e assim mostra uma “arte”.⁸

Se a filosofia de Souriau é uma filosofia da arte, não é por se interessar pelas formas, mas sim pelo princípio formal que organiza as formas. Nesse ponto, ainda é preciso introduzir uma distinção e não confundir a forma e o formal (assim como não confundimos formar e formalizar). A *forma* é inseparável de uma matéria que ela informa, cujos contornos ela desenha ou cujo devir ela regula como sendo seu fim ou sua enteléquia. Mas o *formal* é aquilo que organiza as formas,

8 IP, 367: “Existir, é sempre existir de qualquer maneira. Ter descoberto uma maneira de existir, uma maneira especial, singular, nova e original de existir, é existir à sua maneira”.

que estrutura arquitetonicamente suas relações. De modo geral, podemos dizer que a forma é o princípio de organização das matérias enquanto que o formal é o princípio de estruturação das formas.

Esse princípio formal se manifesta através do brilho particular que faz o esplendor de certos momentos da existência. Souriau gosta de descrever esses momentos nos quais as existências se realizam plenamente, exibem uma arquitetura que as coloca em sua perfeição própria, momento sublime ou hora suprema. “Esses montes ocres cobertos de sombras cor de malva; esse mar azul... O que mais se pode pedir? É uma sinfonia interpretada só para ela... Não é perfeita? [...] Esplendores como este são de certa forma as boas ações do ser, da arte pura. Coisas em si, pois não falta mais nada.”⁹ Não são apenas as boas ações do ser como “arte pura”, são todas as existências que podem ser atribuídas a uma arte de existir, assim como a filosofia pode ser atribuída a uma arte superior. Talvez possamos supor que o pluralismo existencial de Souriau encontra seu modelo na pluralidade das artes (música, arquitetura, pintura...). Mas, na realidade, é o inverso: são as artes que tiram sua pluralidade das diversas maneiras de fazer existir um ser, de promover uma existência ou de torná-la real.¹⁰

9 AA, 94 e 113-114: “Seria preciso considerar esses pontos lúcidos, esse puro esplendor, um pouco como os cimos, na aurora (...); cimos que uma tonalidade de rosa faz surgir daqui e dali em uma região montanhosa, na hora sublime. Mas seria preciso considerar essa tonalidade rosa como uma espécie de iluminação própria, de *Alpenglühen*, de palitação de luz que seria a realidade direta, através da qual esses cimos não seriam tirados da sombra onde eles existiriam sonolentos, mas colocados e instaurados. Pois esse esplendor seria seu ser próprio”.

10 Em certos textos, Souriau parece conceber seu pluralismo existencial segundo o modelo da diversidade das artes (ver, por exemplo, DME, 158),

Talvez possamos reconduzir todas as maneiras de ser para o fundo comum de onde elas provêm – o Ser – e identificar a filosofia a uma ontologia fundamental. Mas podemos fazer o caminho inverso: explorar a variedade dessas maneiras de ser por elas mesmas, fazer da filosofia uma exploração das maneiras de ser. Não se trata mais de reconduzir os modos para um fundamento – ou para um sem-fundo mais profundo do que qualquer fundamento¹¹ –, mas de estudar a maneira pela qual os modos se erguem desse fundo, pela qual saem do Ser, assim “como a ponta da espada sai da espada”.¹² Ora as maneiras são maneiras de *ser* e remetem a uma ontologia fundamental; ora as maneiras são *maneiras* de ser e remetem a uma ontologia modal ou maneirista.

O que afasta Souriau de qualquer ontologia fundamental é que ele vê ali um gosto pela falsa plenitude do indeterminado [*bathos*], uma plenitude que “dá a impressão de encher a vida toda de um prodigioso enriquecimento”, que na verdade é ilusório. É um mundo “não só de obscuridade, mas também de indefinido e de nada, através do qual os esboços se desenham formalmente, mas também se misturam

mas logo depois ele corrige para mostrar que existe uma arte mais profunda, DME, 159: “... não pareceria estranho buscar [a solução] do lado de alguma coisa que participe mais da arte do que de qualquer via instauradora apta a fornecer algum modelo – contanto que ela seja expandida e tomada em seu princípio puro – uma arte comum ou pura de existir, comum a essas diferentes artes de existir entre as quais alguém deve efetivamente escolher e praticar para que tenham existência”.

11 Cf. M. Heidegger, *Le Principe de raison*, Gallimard, col. “Tel”, 1983, p. 131: “O ser à distância do qual está o fundo, o ser ‘a fundo perdido’, se podemos dizer assim, ‘é’ o abismo. Assim, o ser como tal é em si razão que fundamenta, e ele mesmo permanece sem fundo”.

12 E. Souriau, “La conscience”, artigo citado, p. 577; ele toma emprestada a expressão do filósofo Jules de Strada em *Ultimum Organum*, Hachette & Cie, 1865, p. 288.

e se superpõem” (AA, 42). Souriau não se interessa por esse fundo indistinto, mas pelos modos esboçados a partir dele, que conquistam paulatinamente sua realidade, à medida que se tornam mais precisos e determinados. A maioria desses modos permanece no estado de rascunhos ou de esboços; não conseguem se diferenciar da base indistinta onde tornam a mergulhar. Outros, porém, erguem-se em direção ao topo, através de uma intensificação da sua realidade. Ganham precisão, “lucidez”, até atingirem seu máximo. São como lufadas de realidade. Apenas esses ápices interessam a Souriau; ele chega até a imaginar uma realização universal, “um universo que atingiu perifericamente, em todos os pontos, a zona da realização integral e da irrupção lúcida do ser” (AA, 43).

As principais obras de Souriau exploram uma pluralidade determinada: pluralidade das almas em *Avoir une âme*, pluralidade dos modos de existência em *Les Différents modes d'existence*, pluralidade dos “filosofemas” ou dos sistemas filosóficos em *L'Instauration philosophique*. A cada vez Souriau parte de um *pluriverso*, que coloca uma pluralidade das artes de existir, e não de um universo ou de um diverso sensível, matéria banal para uma arte única (em geral, a arte de constituir objetos de conhecimento).¹³ Poderíamos acreditar que se trata de propor uma classificação ou de reperi-toriar os elementos dessas pluralidades, e Souriau, às vezes, se exprime como se fosse o caso. Assim, em *Avoir une âme*, faz a distinção entre as almas que existem por representação (a ideia que fazemos dos outros quando lhes atribuímos uma alma, ou a ideia que fazemos de nós mesmos segundo

13 Sobre a noção de “pluriverso”, cf. W. James, *Le Pragmatisme*, Flammarion, col. “Champs”, 2011, cap. IV.

a ideia de nós mesmos que atribuímos aos outros), as almas que existem por pretensão (o desejo de um crescimento de si), as almas que existem por ilusão (o sonho de uma existência que não se realiza) ou as almas que existem por posse (a posse de si como realização de si mesmo ou a posse de um outro por captação) etc. E muito provavelmente uma mesma alma pode passar por vários desses modos, de acordo com revoluções interiores ou variações intensivas que fazem dela um ser transmodal.

Da mesma forma, em *Les Différents modes d'existence*, Souriau distingue entre diversos modos de existência, da presença irruptiva do fenômeno até os seres inexistentes ou virtuais como “elementos” ou “semantemas existenciais”. Tudo é ainda descrito ali em função de uma arte de existir fundamental. O fenômeno tem uma maneira própria de se colocar na própria perfeição, uma maneira de se tornar patente que constitui sua arte de existir. “Essa arte é a lei da irrupção do fenômeno, a alma da sua presença e da sua patuidade existencial”, diz Souriau (DME, 118).¹⁴ Sua arte se manifesta por meio da arquitetura instantânea que ele expõe na sublimidade de um instante. Há uma “alma” do fenômeno, espécie de assinatura ou de tonalidade própria, assim como falamos da alma de uma paisagem. Outra coisa completamente diferente é a maneira de ser das “coisas” que povoam o mundo com sua presença sólida e durável. Mas ainda existem outros modos, o dos seres imaginários, o dos seres de ficção, com tipos que será preciso estudar quando chegar a hora. De

14 A “patuidade”, termo igualmente tirado do filósofo Jules de Strada (1821-1902) em seu *Ultimum Organum* (op. cit.) designa o fato de ser patente, a “qualidade de ser patente por aquilo que ele é. Souriau recorre igualmente à fórmula latina *patefit*, que designa não mais a qualidade, mas o acontecimento de ser patente.

forma geral, os modos de existência são ocupações de espaços-tempos, contanto que fique claro que cada modo de existência cria o espaço-tempo que ocupa. O espaço-tempo dos fenômenos não é o mesmo das coisas, e o das coisas não é o mesmo dos seres imaginários etc.

Ou, ainda, *L'instaturation philosophique* constrói um vasto cosmos onde coexiste o conjunto das filosofias. A história da filosofia como mapa do céu ou planetário, o desdobramento de uma constelação de mundos que se afastam cada vez mais uns dos outros, em virtude das próprias explorações do pensamento. Todos esses mundos compõem uma estranha Monadologia de perspectivas divergentes.¹⁵ “Inicialmente, é preciso admitir a pluralidade dos filosofemas, isto é, a multiplicidade e a diferença real das tentativas feitas pelo espírito humano para informar filosoficamente o mundo. É preciso constatar que o cosmos comporta virtualmente um grande número de soluções equivalentes quanto ao problema da sua informação” (IP, 214). A história da filosofia não está unificada nem por um destino nem por um progresso; parece mais um “pleroma”, isto é, um mundo cuja plenitude se enriquece constantemente com novas entidades, à medida que novos sistemas se criam juntamente com “gestos” filosóficos distintos.¹⁶ A coexistência, no entanto, nada tem de pacífico

15 Souriau invoca uma “monadologia dos filosofemas” (IP, 267). Sobre a divergência, IP, 214: “É preciso tomar o partido da *divergência* das filosofias que se afastam umas das outras à medida que empurram seu mundo (...) para sua perfeição de determinação e de existência. Não podemos suprimir essa divergência através de nenhum postulado, porque ela é *real* no pensamento filosófico”.

16 IP, 63: “Esse gesto que traz, que reconstitui, que constitui em um mundo separado e completamente espiritual, que coloca como ser, no final, separadamente, todos esses reflexos, ou todos esses atos, é o gesto filosófico por excelência” (ver também, IP, 229, 235 e seg.).

ou indiferente, pois sabemos bem que um filósofo não introduz novas entidades sem criticar paralelamente a autenticidade de entidades que pertencem a outros sistemas.

Qual é o interesse dessas classificações? Que objetivo Souriau persegue através desses inventários filosóficos variados? Dissemos que ele quer explorar a variedade dos modos de existência compreendidos entre o ser e o nada, percorrer as nuances da existência desde a irrupção fugidia do fenômeno até a existência incerta das realidades virtuais. Há populações inteiras que escapam às alternativas clássicas, “presenças especiais” situadas entre o ser e o nada, entre o subjetivo e o objetivo, entre o possível e o real, o eu e o não eu.¹⁷ “O conhecimento terá que sacrificar à Verdade populações inteiras de seres, privadas de qualquer positividade existencial?” (DME, 84). Temos a impressão de que Souriau se interessa particularmente por essas populações. Tudo se passa como se, através desses inventários, quisesse salvar da destruição a variedade das formas de existência que povoam o mundo e, entre elas, as formas mais frágeis, mais evanescentes, e também as mais espirituais.

Souriau quer ser uma espécie de advogado desses modos de existência. Mas o personagem do advogado não é esporádico, percorre seus livros como um desses “personagens conceituais” definidos por Deleuze e Guattari. Quando criam esse conceito, Deleuze e Guattari invocam características relacionais,

17 AA, 86: “O recurso oferecido é estudar o problema (...) no campo de certas presenças especiais que, por um lado não correspondem certamente a nada de objetivo, e por outro só pertencem à alma se forem mais organizadas e mais determinadas do que permite sua primeira presença subjetiva, vagamente feita de um esboço mal rascunhado, aguçado por uma intencionalidade de mais ou menos enigmática...”

dinâmicas ou existenciais, mas também, e principalmente, características jurídicas.¹⁸ Há várias descrições de filósofos como inquisidores, legisladores, juízes, sempre apoiadas em casos momentâneos. Poderíamos esperar que, em Souriau, as características jurídicas se apagassem em prol de características “estéticas” ou existenciais, mas o que acontece com mais frequência é o inverso. Por trás das figuras estéticas, vemos surgir personagens que pertencem à esfera jurídica.

Atrás, por exemplo, do sujeito que percebe, o que se desenha é a figura da *testemunha*. Pois, para Souriau, a percepção estética nunca é neutra ou desinteressada, pelo contrário. Certas percepções privilegiadas suscitam o desejo de testemunhar “a favor” da importância ou da beleza do que elas viram. Nesse caso, perceber não é simplesmente apreender o que foi percebido, é querer testemunhar ou atestar seu valor. A testemunha nunca é neutra ou imparcial. Ela tem a responsabilidade de *fazer ver* aquilo que teve o privilégio de ver, sentir ou pensar. Ela se torna um criador. De sujeito que percebe (ver), torna-se sujeito criador (fazer ver). Mas isso porque, atrás da testemunha, surge outro personagem, o advogado. É ele quem convoca a testemunha, quem faz com que toda criação se torne um discurso de defesa a favor das existências que ela faz aparecer, ou melhor, comparecer. É preciso dar uma força, uma amplitude para aquilo de que fomos a testemunha privilegiada. Por essa razão, os artistas, os filósofos, qualquer que seja o papel que se atribuam, são ao mesmo tempo advogados cujos diversos sistemas discorrem a favor das novas entidades que instauram e cuja legitimidade querem atestar. Eles fazem existir novas entidades, produzem novas realidades, onde antes ninguém tinha visto

18 *Qu'est-ce que la philosophie?*, Minuit, 1991, col. “Reprise”, p. 72-75.

nada, imaginado nada: a ideia de Platão, a substância de Aristóteles, o *cogito* de Descartes, a mônada de Leibniz etc. Como não se tornariam advogados dessas realidades, já que têm que vencer o ceticismo, as objeções ou o desprezo que acompanham sua instauração?

Definitivamente, a filosofia de Souriau talvez seja tanto uma filosofia do direito quanto uma filosofia da arte. Talvez até a arte esteja inteiramente a serviço do direito. Tornar “mais” reais certas existências, dar a elas uma posição ou um destaque particular, não é um meio de legitimar sua maneira de ser, de lhes conferir o direito de existir sob determinada forma? Isso pressupõe que toda nova forma de existência seja precedida por uma pergunta que destrói subterraneamente sua realidade: *quid juris*? Com que direito você pretende existir? O que é que dá legitimidade à sua “posição” de existência? Cada nova entidade filosófica, mas também cada forma de existência, artística, científica existencial deve provar sua autenticidade. Para se “colocarem”, elas também têm que vencer a dúvida, o ceticismo ou a negação que contesta seu direito de existir.

Se uma existência tem que provar sua autenticidade, não significa que ela depende de um *fundamento* que lhe confere essa legitimidade? A arte se tornaria então arte de fundamentar (e a definição da filosofia seria como a de Platão). Toda existência, injustificada em si mesma, receberia seu sentido, sua verdade e sua realidade de um fundamento superior, assim como um “preposto” recebe seus poderes de uma autoridade legal. Uma vez fundamentada, a existência deixaria “a areia movediça, para encontrar a rocha e a argila”.¹⁹ O fundamento não dá apenas uma posição ou um

19 R. Descartes, *Discours de la méthode*, Garnier, terceira parte, p. 599.

apoio, mas confere uma legitimidade aos modos de existência fundamentadas por ele. Estranha transformação através da qual uma existência adquire uma nova realidade apenas pelo fato de ser legitimada. Ela então existe plenamente e caminha em terra firme.

Mas o que acontece quando o fundamento perde toda a autoridade e legitimidade? Ou, então, quando esmaga as existências com a sua autoridade e as priva de realidade? Nesse caso, as existências não deveriam conquistar por elas mesmas a realidade que lhes falta? Esse é o problema. Como uma existência pode conquistar *por ela mesma* sua legitimidade? Estaríamos, então, na situação de Kafka, que espera “de cada instante uma nova confirmação da sua existência”?²⁰ De onde pode vir essa confirmação, se estamos privados de qualquer direito de existir? O que resta a um ser quando seu modo de existência é contestado? Que espaço-tempo ele ainda pode ocupar legitimamente? “Tenho apenas meus passeios para fazer e dizem que isso deve bastar, mas, por outro lado, ainda não existe lugar no mundo onde eu possa fazer meus passeios”.²¹ Não há mais nenhuma terra, nenhum solo, onde colocar os pés.

Onde encontrar em si mesmo os recursos para legitimar determinado modo de existência singular? Como tornar as existências mais reais? Talvez as existências devam se submeter a outras existências para se colocarem elas mesmas ou se consolidarem, e inversamente. Não existimos por nós mesmos; só existimos realmente porque fazemos existir outra coisa. Toda existência precisa de *intensificadores* para aumentar sua realidade. Um ser não pode conquistar o direito

20 F. Kafka, *Carta ao pai*, Cia. das Letras, 1997.

21 F. Kafka, *Journal*, Grasset, Le livre de poche, 1982, p. 13.

de existir sem a ajuda de outro, que ele faz existir. Será esse, justamente, o papel do advogado, intensificar a realidade das existências? Lutar por novos direitos? É uma questão de direito, mas é mais do que nunca a questão da arte: através de que “gestos” instauradores as existências conseguem se “colocar” legitimamente?

